

luli radfahrer

O que há de errado com eles?

DE SÃO PAULO

03/11/2014 02h00

[Mais opções](#)

O bate-boca que ocorreu nas mídias sociais durante as eleições é o exemplo mais recente de um fenômeno cada vez mais comum: a virulência e o baixo nível dos comentários feitos por pessoas normalmente bem educadas. O que há de errado com essa gente?

A democratização da rede trouxe com ela a oportunidade de ampliar a participação do leitor, levando o debate para muito além do tradicional discurso da mídia. Muitos comemoraram a "revolução" anunciada, uma oportunidade inédita de participação pública que criaria discussões de maior abrangência e profundidade do que cabia no limitado espaço da mídia.

Não foi bem isso o que aconteceu. O tom das opiniões contraria qualquer ideia de civilidade. Na maioria das vezes, o que se vê são minorias antagônicas gritando umas contra as outras, evitando meios-termos. Ao permitir comentários impulsivos, ainda menos deliberados, os dispositivos móveis pioraram a situação.

Boa parte dos protestos não se referia ao conteúdo, mas ao "direito" do autor em escrevê-lo, buscando desqualificá-lo com os piores argumentos possíveis. Muitos mal chegaram a ler o texto que criticam, baseando sua interpretação no título e um ou dois parágrafos.

O problema é maior do que um simples bate-boca. A natureza das opiniões tem um grande poder de influência sobre a interpretação do texto, que pode ser tomado como incorreto, tendencioso, panfletário ou desatualizado. Isso aumenta a desinformação.

O viés de interpretação sempre foi social. Durante um curto período histórico, a mídia assumiu o papel de intérprete das notícias dignas de registro. A princípio nas editorias impressas, passando pelos apresentadores dos programas de rádio e culminando com a figura do âncora de telejornais, para o qual não há equivalente no mundo real.

Presença de autoridade na sala de todas as casas, ele sempre parece saber o que é apropriado dizer, de forma elegante, cautelosa e diplomática. Sem ele, ficamos perdidos.

Hoje o consumo da mídia se transformou. Não se lê mais o jornal por conta própria, na mesa do café. A notícia é consumida em ambientes compartilhados, em que comentários de todo tipo são expressos antes e durante a leitura do texto. A interpretação não é mais individual nem influenciada pelo âncora, mas coletiva. É natural que gere confusão.

Na vida real a interpretação de sinais sociais é aprendida lentamente. O mesmo acontece nos ambientes on-line de códigos de conduta restritos, como fóruns técnicos e massivos multiplayer. Nas redes sociais tal código ainda está em construção.

O assunto é complexo e cheio de nuances. Ainda mais quando se leva em conta que muito do que garante a receita de veículos digitais é a publicação de anúncios, determinada pelo volume de leitores que visita uma página. É difícil criar uma discussão construtiva quando qualquer polêmica, mesmo que vazia, é muito mais rentável.

Algumas tentativas de resolver o problema só pioram a situação. Sua origem não está nas novas tecnologias, mas na falta de estratégias de melhorar a qualidade do debate.

A longo da História, culturas diferentes costumavam se encontrar em fronteiras. Nos portos, cercas e desertos havia um espaço e tempo de reflexão que forçava o visitante a reconhecer que não estava mais em casa, e que portanto deveria se comportar de acordo com regras de civilidade.

Na aldeia global do Facebookistão as barreiras entre a casa e a rua, o particular e o coletivo, o público e o privado se desfazem, dissolvendo com elas o respeito ao espaço e valores alheios.

Acredito que seja uma fase de transição. Tudo ainda é muito novo. A opinião dos outros, quando construtiva, é sempre enriquecedora. Mesmo que seja dolorida.

Luli Radfahrer é professor-doutor de Comunicação Digital da ECA (Escola de Comunicações e Artes) da USP há 19 anos. Trabalha com internet desde 1994 e já foi diretor de algumas das maiores agências de publicidade do país. Hoje é consultor em inovação digital, com clientes no Brasil, EUA, Europa e Oriente

Médio. Autor do livro **'Enciclopédia da Nuvem'**, em que analisa 550 ferramentas e serviços digitais para empresas. Mantém o blog www.luli.com.br, em que discute e analisa as principais tendências da tecnologia. Escreve às segundas no site de 'Tec'.

luli@luli.com.br | [Leia as colunas anteriores](#)